

# os pioneiros os zacharias



Demétrio Antonio



Mathilde.

A história da Servgás é a história dos Zacharias. E a história dos Zacharias é caso de muita aventura, muito amor e muito trabalho. Começa no Líbano, em dois tempos distintos, ao final do século 19 e continua viva, na Alta Sorocabana, em São Paulo. São cem anos de vidas bem vividas que merecem ser contadas.

Até 1910, nas primeiras grandes levas de imigrantes que chegam ao Brasil, calcula-se que cerca de cem mil “turcos” entram no país. Na verdade, são árabes de diversas nacionalidades, que portam passaportes do governo otomano, então dominando Síria, Líbano e Egito. Entre esses “turcos”, vinte e poucos mil seriam libaneses. Demétrio Antonio Zacharias é um deles. Nascido em 1880, chega ao Brasil com 9 anos. Quase uma década antes do nascimento, também no Líbano, da menina Mathilde Elias, que, por sua vez, chegará ao Brasil em 1907. Apesar da origem comum e destinos semelhantes, as vidas de ambos só vão se cruzar bem mais tarde, em 1917, em Cabo Frio, no Rio de Janeiro.

Demétrio, pelo que dele se lembram os filhos, era uma perfeita mistura de aventureiro, mascate, sonhador e comerciante. As memórias mais antigas registram suas atividades na passagem do século: boiadeiro em Goiás, com andanças pelo Alto Araguaia e pelo Tocantins. Como foi parar lá é coisa que ninguém sabe.

Como saiu de lá, é história mais conhecida.

O pai de Mathilde Elias, chegando ao Brasil, vai logo morar em Cabo Frio, no litoral fluminense. Dentro dos costumes da época e conforme a vocação familiar, abre loja e começa a trabalhar. Atrás do balcão todos ajudam. Mathilde, filha de um primeiro casamento, gosta mais de ficar na loja paterna do que em casa.



*A chegada do primeiro tanque é sempre um marco.*

Aprendizado à parte, tem o dom e o prazer da venda. Sabe adivinhar o que cada comprador quer e se antecipa aos seus pedidos. A loja se chama "Estrela" e vende de tudo.

Mathilde, com 17 anos, é uma comerciante de mão cheia.

Um belo dia aparece na cidade um patricio contador de histórias. Diz-se grande boiadeiro no interior do país, proprietário de manadas, criador de cavalos.... e por aí afora. O pai de Mathilde bem que desconfia que aqueles casos todos são conversa para encantar a filha. Na verdade, o pretendente não tem nada a não ser uma grande paixão pela menina. Paixão que, apesar das ressalvas pelas fantasiosas boiadas, acaba mesmo em casamento. Casamento que traz de volta a necessária realidade de um trabalho estável para manter a família. É assim que o jovem casal muda-se para Minas, indo estabelecer-se na região de Passos. Vida nova, loja nova: "Nova Estrela".

Nos anos que se seguiram, a "Nova Estrela" prospera o suficiente para que o casal possa ter e criar sete filhos. A vida não é fácil e todos têm sua parcela nas tarefas da casa. Inclusive os pequenos. Mathilde cuida da casa, cozinha para a família e ajuda na loja. No balcão, uma nova geração de Zacharias aprende o ofício e a arte de bem vender. Só pelo prazer da coincidência, é bom contar que nessa época, na loja de Passos, um jovem chamado Domiciano, com 16 anos, compra sua primeira gravata. Muitos anos mais tarde, os vendedores e compradores de tal gravata seriam concorrentes e amigos em outro estado e em outro setor: o gás engarrafado. Mas isso é caso que vai ser contado mais para frente.

Certo dia, em meio à rotina da vida de Passos, a "Nova Estrela" faturando e os filhos sendo criados, seu Demetrio recebe uma carta ins-

tigante. É de um compadre amigo, Palmério Nascimento, que lhe conta a história de uma cidade nova chamada Santo Anastácio, com grandes possibilidades de negócios.

Seu Demétrio pressente que ali pode estar uma grande oportunidade. Mas, por via das dúvidas e convivência mineira, resolve não se arriscar. Vai na frente para averiguar o caso e ver se as fantasias do amigo batem com a realidade. Deixa a família em Cabo Frio e segue sozinho para São Paulo. Na sua cabeça a tal cidade fica bem perto da capital, onde existe um bairro, então subúrbio, chamado Vila Anastácio. Só na hora de comprar a passagem de trem seu Demétrio descobre que o santo era outro e ficava 600 quilômetros mais distante.

Nesta altura, as esperanças já empenhadas no novo projeto de vida, o comerciante parte para conhecer o prometido Eldorado. Não se decepciona. É lugar novo, de muita prosperidade. Seu Demétrio volta para Cabo Frio, arrebanha a família e segue em busca do futuro. De passagem por São Paulo, faz a compra do estoque inicial para a nova loja: 29 contos de réis em mercadorias! Os filhos guardam até hoje esta fatura.

Chegando a Santo Anastácio, o primeiro susto. A casa alugada para abrigar a família fica ao lado de uma empresa de beneficiamento de arroz e café. À noite chove palha e farelo na cabeça das crianças. É pó para todo lado! No dia seguinte, já em outra casa, começa a instalação da loja. O comércio é bom. O futuro promete mais. Seu Demétrio, como é conhecido, firma nome na praça. Todos o respeitam pela sua honestidade. Certa vez, durante a Revolução de 1930, um caso curioso conta bem a imagem positiva da família. Por força das circunstâncias, seu Demétrio está precisando de 6 contos. Revolução à parte, negócios parados, ban-

cos fechados... recorrer a quem? Aos amigos, é claro.

O compadre Ortega é sitiante nas redondezas. Bem cedinho, quase madrugada, Demétrio, acompanhado pelo filho Adibe, bate na porta da casa do amigo. O susto é grande. Sabedor da necessidade dos 6 contos, o compadre pede um tempo e entra mato adentro. Com medo das tropas, ele tinha enterrado todo o seu dinheiro dentro de uma garrafa colocada numa toca de tatu. É um custo para encontrar! Passado o sufoco, o empréstimo é selado com um aperto de mão. É o que basta. Enquanto isso, na loja, por via das dúvidas, dona Mathilde esconde, muito bem escondida, uma peça de brim verde, que pode ser confiscada e virar uniforme de soldado...

Assim, a família vai criando a filharada. Os mais velhos vão estudar em cidades maiores: Adibe em Botucatu, Angelina em Sorocaba e Ismênia em Santa Cruz do Rio Pardo. Os menores, Elias, Darcy, Toninho e Simoca, continuam ajudando a família.

Todos trabalham para ajudar o sustento geral. Antonio, vocação política, chegará mais tarde a vereador, vice-prefeito e deputado federal. Adibe, no Banco do Brasil, fará grande carreira. Darcy, emancipado aos 18 anos, abre a loja em sociedade com a irmã Ismênia, a verdadeira comerciante da família. O capital para o negócio é doado pelo pai — 5 contos em tecidos. Elias, o mais aventureiro, vai estudar no Rio de Janeiro. Angelina, após se formar professora, leciona na região, até se casar. Simoca, terminados os estudos, casa-se e vai morar em Presidente Prudente.

Enquanto a loja prospera, seu Demétrio sempre encontra oportunidade para outros negócios. Muitos dão certo. No folclore da família contam-se casos estranhos: compra de uma



*Um dos primeiros caminhões, com a marca Servgás.*

grande partida de xícaras e pires quebrados, aquisição do estoque de uma loja incendiada e arremate de diversos vagões de cal! Tudo é mercadoria. Fumante inveterado — acende um cigarro no outro — seu Demétrio tem ainda outros dois grandes prazeres: fazer discursos nas festas familiares e ensinar aos filhos os segredos do comércio, desde a simples soma de uma nota fiscal até o uso do que chama de “caixa dos sete instrumentos” — lugar onde esconde a contabilidade e os documentos quentes do negócio.

Assim é o pai. Para ajudar os filhos em começo de vida tem uma técnica muito especial: empréstimos, a juros baixos, através de terceiros. Os terceiros, no caso, são amigos que se fazem de capitalistas, a pedido de seu Demétrio, para realizar os tais “empréstimos” filiais com dinheiro do próprio pai. É uma forma de ajudar sem criar dependências ou desestimular ambições e vontades de trabalhar. A farsa, bem montada, funciona até a morte de seu Demétrio. Entre seus papéis, ele deixa os “documentos” dos empréstimos, promissórias quitadas e uma declaração de que nada daquilo tinha valor. Tudo sacramentado por um lacônico e expressivo bilhete. “Nada devo, tudo pago”.

Morreu em 1960, no dia de Finados, depois de 80 anos de muito bem viver. Pena que não tenha realizado seu último e simples sonho: construir um sobrado. Num terreno da família, chega a ver os alicerces sólidos de uma construção futura, de imponderáveis andares. Era para ser sobrado, quase se transforma em edifício comercial. Finalmente se conclui num grande hotel, iniciado por Darcy, o primeiro da família, já em busca de horizontes mais largos e novos setores de atividades.

Em 1955, a grande novidade no país é o *gip*. Todos querem ter fogões a gás engarrafado para

substituir os de lenha ou querosene.

Os irmãos Zacharias percebem que aí está uma boa oportunidade. Vão a São Paulo e compram um lote de ações da Supergás, que, posteriormente, terá como um dos proprietários, o mesmo Domiciano que comprara a tal gravata na já distante Passos. A aquisição das ações assegura o direito de representação da empresa na região da Alta Sorocabana. O passo seguinte é retirar os primeiros trinta botijões de um depósito da companhia que fica na Rua Major Diogo, em São Paulo. O irmão Adibe vem providenciar o carreto. Compra o gás, marca com tinta os seus botijões e vai à procura de um caminhão para o transporte. Quando volta com o veículo alugado, os botijões já tinham sumido há muito tempo. Adibe tem que esperar mais dois dias para retirar sua carga.

A briga é feia e vale tudo para se obter a mercadoria, transportada de caminhão até Presidente Prudente, onde se instalara a primeira loja Supergás, dirigida pelo Darcy. O negócio do gás é tão bom que as antigas lojas acabam sendo desativadas. Compradores para fogões e gip não faltam. Paga-se ágio aos fabricantes das marcas mais conhecidas de fogões. Filas se formam na porta da loja. E o produto é entregue em carro, caminhão ou mesmo carroça, nas regiões mais distantes.

Novas lojas são abertas em outras cidades da região. O progresso chega sob as bênçãos de dona Mathilde, que acompanha tudo, dando ótimos palpites, empurrões de incentivo e eventuais puxões de orelha.

A central de decisões familiares é o almoço na casa materna. Empresa familiar assumida, todos participam de algum modo da sociedade, do trabalho, da administração. Irmãos e cunhados. Os cargos são *pro forma*. O que vale é o bom senso e o trabalho.



*O gip na paisagem rural.*



*A matriarca muito querida.*

Depois de algum tempo, em 1964, constituiu-se a Cia. Prudentina de Gás, que vai operar com a marca SERVGÁS, nome que, bem mais tarde, constituirá a nova razão social da empresa.

A distribuidora começa a funcionar efetivamente em 1966. Nestes dois anos de instalação, continuam revendedores da Supergás — da qual se tornariam concorrentes mas permaneceriam amigos.

O resto da história pode ser contado de duas formas: o empresarial e o humano. Vale a pena serem descritos em separado.

Empresarialmente, o sucesso dos irmãos Zacharias pode ser medido pelo porte de suas empresas. Em 1987, além da Prudentina de Gás, o grupo atua na pecuária, detém uma transportadora, uma refinadora de óleos e graxas, três hotéis, um dos quais em construção em Foz do Iguaçu, e está entrando na área química. São números grandes, que descrevem um patrimônio e um faturamento decorrentes de muitos anos de trabalho. Mas, com certeza, apesar de grandes, esses números não são o que mais importa na vida da família, onde a vontade e a palavra de dona Mathilde continuam sendo a lei e a ordem.

Dona Mathilde, que a cidade inteira conhece. Dona Mathilde, que apadrinhou um ótimo time de basquete — o da Associação Atlética Mathilde Zacharias — que disputou por muito tempo a primeira divisão do basquete paulista. Dona Mathilde, que não perdia uma partida da sua equipe, onde chegaram a jogar atletas argentinos e norte-americanos. Dona Mathilde, que aos 84 anos foi conhecer a Europa, mas que, com prudente medo da emoção e da guerra, não chegou a ir até o seu Líbano, onde ainda tem parentes. Dona Mathilde, que no dia das mães, além dos presentes familiares de quatro gerações de descendentes, recebe flores dos

funcionários das empresas. Dona Mathilde, que em 1981 recusou uma herança de parentes libaneses, constituída por terras em seu país de nascimento. Os filhos foram ver a propriedade e informaram:

— A terra é valiosa e boa.

Dona Mathilde perguntou:

— O que vocês acham que eu devo fazer?

A resposta foi direta:

— Faça o que seu coração mandar.

Dona Mathilde não hesitou:

— Eu não fiz nada para receber essa terra.

Não trabalhei nem ajudei a quem trabalhou nela. Pois que fique para os que trabalharam.

Abriu mão da herança em benefício de seus parentes desconhecidos, que tinham como principal mérito para recebê-la, não os laços de sangue nem a pobreza, mas o valor do trabalho.

A bênção, dona Mathilde. E que por muitos e muitos anos seus filhos, netos, bisnetos e trinnetos possam saborear suas esfihas, quibes e beringelas.



*Dona Mathilde, presença forte em todos os momentos.*